OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1095

30 de Maio de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

ABANDONADAS — *Quadro de Constantino Fernandes, Primeiro premio*

CHRONICA OCCIDENTAL

Disse um illustre critico que a medicina moderna exerce na sociedade um estranho prestigio, só comparavel ao dos antigos magicos no tempo em que Nero, enfastiado da lira, do circo e do teatro, dava a Tiridates o reino da Armenia, para que elle o ensinasse a interrogar os manes e a conversar com os espiritos.

D'antes, quem se sentia doente, a primeira coisa que fazia era meter-se na cama. Agora não. Agora, quem se sente doente, a primeira coisa que faz é a mala, para fugir do ponto onde estiver, e mudar de ares. O enfermo moderno anda o mais que póde, marcha o mais que póde, corre o mais que póde.

Vae para as aguas; vae para as caldas; vae para as praias. Faz muita gimnastica, joga o *foot-ball*, gira em velocipede, monta a cavallo, rêma, sua, e nada. E duas vezes nada: porque continúa doente como d'antes.

D'antes, as peores doenças eram a vertoeja, a hemorroide, e a espinhela caida. Quem chegasse a padecer de todas ellas e não morresse, passava a acreditar na eternidade, e nunca mais se sentia doente.

Era uma consolação.

Agora, as doenças são tão variadas que ninguem já se entende com ellas, e o doente que cae na tolice de consultar mais de um medico sofre de tantas doenças novas quantos os medicos novos que consulta. Hoje temos a tuberculose, a neurastenia, a hipertrofia, a gastralgia, a chlorose, a apendicite, e quantas outras se tornem precisas

para augmentar a fama de um especialista, o reclamo de certo medicamento, a receita de algum estabelecimento therapeutico.

Nestas condições, o doente que mais sofre não é aquelle que tem a doença: é aquelle que imagina tê la. E' o doente de scisma.

Morre se muito mais da cura que do mal propriamente dito.

Era o que ia acontecendo ao meu amigo Agapito Pita, o Pita dos Negocios Eclesiasticos, que por tanto tempo andou a tratar-se de mal que já parecia não ter cura.

Começara aquillo por uma brincadeira, e ia dando com elle no Alto de S. João, em caixão de mogno com fechadura e dobradiças de prata, conforme o que elle chegára a dispôr em testamento.

O Pita sempre foi muito scismatico, e os colegas da repartição andavam constantemente a inventar coisas para o trazer preocupado.

Uma vez, chegava se qualquer d'elles ao pé do Pita, e punha se a olhar-lhe muito para a ponta do nariz. Era o bastante para que o Pita começasse logo a envesgar os olhos e a olhar tambem muito para a ponta do nariz, e a apalpar o nariz, e a perguntar a toda a gente o que tinha no nariz.

Outra vez, estando a lançar ao papel tojal do Estado a fórmula apurada de algum oficio, vinha outro, pé ante pé por detrás d'elle, acariciava-lhe a cabeça, e dizia lhe ao ouvido:

— «O' Pita, tu estás a ficar calvo! Que grandes estroinices terás tu feito para já estares tão calvo!»

O Pita dava um pulo no assento de coiro da cadeira, levava as mãos ao alto da cabeça, largava tudo quanto tinha para fazer, e começava a mostrar o alto da cabeça a toda a gente da repartição, completamente desvairado, perguntando:

— «O' menino, vê lá... Eu já estou com efeito muito calvo?»

E foi com uma brincadeira d'essas que elle começou a sentir-se doente, e cada vez mais doente.

Um dia, em que entrava mais tarde na repartição, quando já todos lá estavam, tinham os collegas combinado fazer lhe esta partida, a vêr o que d'ahi resultaria: no momento em que elle aparecesse, cada qual deixava cair a penna, interrompia o que estivesse fazendo, e fitando todos o olhar afflictivo no Pita, ao mesmo tempo diriam:

— «O' Pita, porque vens tão palido?»

Pôz-se um á espreita no corredor. E quando o Pita, muito açodado, apareceu lá ao fundo, foi esse dizer aos outros:

— «Rapazes, ahi vem o Pita!»

Abre se a porta, o Pita entra, e o côro interroga-o:

— «O' Pita, porque vens tão palido?»

Pois, meninos, não foi preciso mais nada: o Pita empalideceu, fez-se branco como a cal da parede, cobriu se de suores frios, sentiu-se mal, e caiu sem sentidos. Levaram no para casa, meteram-no na cama, mandaram chamar o medico.

O medico veiu, e declarou que o Pita sofria de um aneurisma.

E o Pita começou a tratar se do aneurisma.

Mas cada vez ia a peor, cada vez a peor, até que tomou a deliberação de mandar chamar outro medico.

O outro medico veiu, e diagnosticou outra coisa. Não era aneurisma, o que o Pita tinha. O que elle tinha era — ténia. E o Pita ingeriu logo, com imensa fé, um litro de cozimento de pevides de abobora para matar a ténia.

Aquillo foi lá dentro um barulho que parecia desordem de marujos na Mouraria. Mas não houve meio de encontrar a ténia, e o Pita continuou a sentir-se de mal para peor, e de peor para pessimo.

— «Venha outro medico!» gritava o Pita engulhado em ancias.

E o outro medico vem. E vem outro, e depois outro, e depois d'esse outro, ainda outro.

Até que apareceu um que nada se parecia com os precedentes.

Os outros, todos elles, obrigavam o Pita a deitar a lingua de fóra, a revirar o olho, a pôr se de bôrco para o auscultarem. Tomavam-lhe o pulso, batiam-lhe tres vezes com os côtos dos dedos na bacia como se batessem maçonicamente á porta do templo, metiam-lhe uma coisa de vidro por baixo dos braços, aplicavam lhe ventosas, pregavam lhe sanguesugas, ferravam-lhe pontas de fogo, cobriam-no de môscas de Milão, esfuracavam-no de clistéres, e receitavam-lhe quantas hostias, quantas pilulas, quantos xaropes, quantas pastilhas, quantos sinapismos e quantas drogas se encontram no formulario das farmacias.

Este não lhe fizera nada d'isso, não lhe receitara nada d'isso.

Este chegava, sentava-se, conversava e ria. O Pita, a principio, deixava-o falar, deixava-o rir, e só gemia. Depois já não gemia tanto. Depois, já gemia muito menos, e começava a conversar tambem.

Depois, já não gemia nada, e já ria!

Nestas alturas, encheu-se o Pita de coragem, e interrogou o medico:

— «Doutor!»

— «Meu amigo...»

— «Peço-lhe que seja franco. Diga-me toda a verdade, por mais dolorosa que ella seja!»

E então o doutor, levantando se, pegando no chapeu, e estendendo a mão ao Pita, respondeu:

— «Pois bem; lá vae então! Tenciono mandar-lhe amanhã a conta das minhas visitas. Anda por uns setenta mil réis...»

O Pita deu um salto da cama, e sentiu-se imediatamente bom.

E não tomou as pilulas Pink!

João Prudencio.

A exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

(Notas rapidas)

II

(Concluido do numero antecedente)

Na parede da direita, ao centro, expõe Velloso Salgado um retrato grande, bem desenhado, bem construido, solidamente pintado, do sr. conselheiro Wenceslau de Lima, no seu meio intimo, sentado commodamente, rodeado de livros, papeis, fotografias de familia, pequenas cousas, e com um ar tão prazenteiro e bem disposto que o rejuvenesce. Ao lado d'este um outro retrato do mesmo pintor não lhe faz, ao que nos parece, famosa companhia, nem boa sombra.

N'uma denguice allitteratada, que não é (valha a verdade!) destituida de um certo encanto, envolveu o sr. Eugenio Moreira a sua tricana de Penacova (91), não sabemos se na pretensão de a elevar áquellas nuvens, que — ai d'ella! — não lhe serão seguro sustentaculo.

Mais simples e despertenciosa é a cabeça de velha aldeã, de olhos piscos (94), que por cima lhe fica, e onde demonstra reaes qualidades este interessante pintor.

Quatro telas (66 a 69), assignadas pela senhora D. Adelaide Lima, fecham o angulo d'este lado da sala, impregnadas d'uma tal distincção aristocratica no arranjo, na harmonia da côr e na destra factura, que são o regalo dos nossos olhos e a honra do seu mestre.

III

Na terceira sala sensiveis differenças de orientação, de temperamento, e educação, a ausencia mesmo de qualidades apreciaveis em confronto com a affirmação forte das mais enobrecedoras qualidades, dão nos um conjuncto menos unisono, menos equilibrado, menos unitivo... se bem que a disposição geral seja agradavel.

Naturalmente com os olhos fitos no quadro fronteiro seguimos da sala anterior direito aos *Bebedos* de Malhôa que, pelo tamanho da composição, pelo caracter pittoresco dos typos escolhidos, pela robustez da factura, se nos impõe. Mas, pouco interessantes na sua deprimente e bestial animalidade, esses *bebedos* — reconhecidas as incontestaveis e excellentes qualidades de pintura e energico trabalho do seu auctor — esses *bebedos*, que nos evocam — quasi por contraste — os *Borrachos* na sua apotheose finamente ironica, na sagração de um *piteireiro*, esses *bebedos* não nos reteem.

Passâmos rapido pelos... *famintos beijos na florista* — como facetamente paraphraseam aqui ao lado — attraída a vista por alguma cousa (91) de extranho, exotico, ainda por cá não visto, em que n'um intenso chromismo, que a principio nos desvaira, vemos, na alacridade de uma forte luz de ár livre, reaes qualidades de desenho, de côr, de robusta e lésta pintura, impressão com alvoroço colhida, — sentimos, — dada na vibrante, enthusiastica e suggestiva visão de um Sorolla.

Se esta é evidentemente e — digâmol-o — incontestavelmente, n'esta exposição, a nota mais moderna da pintura entre nós, o quadro de Constantino Fernandes, *Abandonadas*, é, n'esta exposição, a nota mais nobre, profunda e moderna da concepção da arte contemporanea.

Sem fogosas virtuosidades technicas, sobria, concisa, justa no desenho e na côr — um tantinho molle, se nos querem rigorosos — esta obra d'arte tem o nobre e calmo fulgor de uma pagina da vida, interpretada com superior sentimento de humanidade e raras e probas qualidades de artista.

IV

E recuando, distanciando-nos para melhor vêr este quadro, que de perto não perde em ser visto, encontramo-nos na 4.ª sala, cheios da grata impressão, que essa obra superior nos dá.

Aqui apenas logramos vêr — muitos dirão que vêmos pouco — a intensidade de luz da *Conducção das eguas* de Saude, essa luminuosidade inconfundivel de Santarem, os carvões de Carlos Reis, uma ou outra aguarella assignada Alves de Sá e Alberto de Sousa e ao meio da casa, em esculptura, um garoto nú, deitado, n'um abandono infantil e desafectado.

Seguramente lá fóra o sol declina, a luz esvaece-se, porque se não, a falta de visitantes n'este momento seria propicia á busca de novas impressões. Assim sairemos tambem.

De volta, na terceira sala, á direita, vêmos agora uns estudos vigorosos de naturesa morta (56 e 57), um retrato de homem assignado Zoé Wauthelet, um outro de senhora (187) finamente pintado por T. Pinheiro, e mais uma vez se nos impõe o bello typo da rapariga das *Abandonadas*, na sua expressão amarga, tão humana, tão sentida e bella.

Um magnifico busto (210) de velho com suissas, decorativo, cheio de côr, lhe fica proximo e documenta o merito do seu auctor.

Na sala immediata as mesmas cousas apontadas á entrada, e mais um grupo de pequenos e bem conhecidos trechos campestres ou marinos de J. Vaz; além, por cima d'um retrato de C. Reis, uma interessante mancha (173) de Saude; aqui, á direita, ao sair da porta, umas scenas ruraes menos mal estyladas do autor da *Caça aos tarilhões*.

E saimos pelo funil para a primeira sala (?), um espaço em que mal nos podemos detêr a observar, entre outros, um projecto architectonico de Tertuliano, que pena é se não execute; uma ou outra medalha, uma que outra plaquette em esculptura...

Cá fóra ainda o sol radiante presta, com soberana indifferença, a sua doirada luz áquelles longes pittorescos d'além-rio e a varias miserias que neste horisonte a nossa vista confrangida abrange.

E nós que vinhamos com intima satisfação a pensar na arte das *Abandonadas*, caimos com desgosto na miseria de pensar no abandono da Arte.

A. O.

STELLA MATUTINA

Formosa... não será... Figura pequenina
que não ondula, altiva, em curvas sensuaes,
nem tem as radiações das auréolas ideaes
— fôgo que nos abraza ou luz que nos fascina.

Mas tudo que deleita e tudo que ilumina
— gorgeios de avesita, alvôres matinaes,
a brisa, o aroma, a luz tudo se funde e afina
na tão meiga expressão dos modos virginaes.

Eu vi-a uma vez. Senti a impressão
de que uma aza ideal, fendendo ignoto alvôr,
me levantava ao ceu azul da Ilusão...

Ela viu-me tambem... E hoje... estou sempre a vê-la...
e envolve-me, se é dia, o aroma d'essa flôr
e guia-me, se é noite, o brilho d'essa estrela...

* * *

Quando a manhã se esprala, aí p'la Natureza,
e o Sol explude além inundações de vida,
numa invasão de luz, num banho de pureza,
tu surges como o Sol, nesta alma entorpecida.

E quando, môrto o Sol, a Lua com tristeza
a tudo imobilisa, em prece recolhida,
a minha alma tambem, melancólica, resa,
pois banha-a, como a Lua, a tua imagem qu'rida.

Mas quando pela noite escura da Desgraça,
com violencia o tufão do vendaval ameaça
apagar dentro em mim a Esperança auroral,

mais viva do que o Sol, e mais meiga que a Lua,
me surges tu então... Na minha alma fluctua,
alentador e quente, um clarão do Ideal.

Hernani Cidade.

CIENCIA MODERNA

Ciclos meteorologicos

A insuportável temperatura dos ultimos dias de fevereiro, e principios de março, fêz, talvez, supôr a muitos que nos tinhamos rapidamente transportádo á Siberia, quando aliás, os mesmos fenomenos se teem repetido, frequentes vezes em periodos que orçam, em media, por 16 a 18 annos. Este periodo de 16 annos, findo o qual, os fenomenos meteorologicos repetem-se de uma fórma quasi identica, é o que se chama o *ciclo meteorologico*.

Com efeito, se fôrmos analisar o resultado das observações meteorologicas, em Lisboa, é necessario descermos até ao anno de 1890, para podermos presencear um principio de março tão frio, como o que tivemos no corrente anno. Em 2 de março de 1890, a temperatura minima em Lisboa foi de 1°,1 e em 4, do mesmo mez e anno, 1°,3. Em 1 de março de 1909, a minima temperatura foi de 2°,7, a mais baixa que se tem notado desde essa época, porém ainda superior á do anno de 1890. Passáram-se, pois, 18 annos, para que o fenomeno se reproduzisse. Supondo o ciclo meteorologico de 16 annos, o periodo de 18 annos foi, d'esta vez, excedido para a repetição do fenomeno.

E' claro que não é fatal o ciclo de 16 annos, no entanto, é para esse numero de annos que a sua media tende.

Seja A B C D, um circulo, dividido em 4 quadrantes supondo ser o arco C B o primeiro quarto do ciclo meteorologico, o arco B D correspondendo ao segundo quarto do mesmo ciclo, o arco D A, ao terceiro e o arco A C, ao ultimo. E' claro que se a normalidade das estações extremas persistisse, isto é, se os verões ou invernos tivessem todos a mesma media, egual a uma constante, o nivel medio seguiria perfeitamente a curva, de centro O desde o ponto C, até voltar ao mesmo ponto, passando por B, D, A, isto é, o ciclo meteorologico não seria de 16 annos mas sim de um só.

Como, porém, durante o ciclo, ha épocas em que o rigor das estações é maximo e outras, em que esse rigor é minimo, nas 1.as, a curva do ciclo afastar-se-ha da do circulo, e nas 2.as aproximar-se-ha. Supondo E, o ponto maximo do afastamento, e F, o ponto minimo, é claro que o 1.° ponto estará situado fóra do circulo e o 2.° dentro do circulo.

E C será, pois, egual a O E — O C ou egual a O E — r (sendo r, o raio do circulo) e D F = O D — O F = r — O F.

Para que o equilibrio se restabeleça, deverá ser C E = D F, e a nova curva A E B F será um circulo com o centro em O', á distancia de O, egual a O O' = D F = C E.
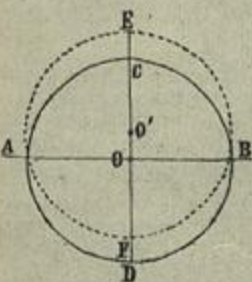
Fig. 1

Os pontos da curva do ciclo que se confundem com os pontos do circulo, B e A, corresponderão aos annos do ciclo em que a normalidade da temperatura se acentua, como mais abaixo veremos.

Resta-nos avaliar O' C que deverá ser

$$O'C = OC - OO' = r - CE.$$

Fazendo $CE = \frac{r}{4}$

será $OE = r + \frac{r}{4} = \frac{5}{4} r$

e $O'C = r - \frac{r}{4} = \frac{3}{4} r.$

Portanto $OO' = \frac{1}{4} r$ e, por conseguinte, $CE = OF = \frac{1}{4} r$. O O' será, pois, a 8.a parte da linha E D.

Representemos agora a linha E D da fig. 1 pela linha O X na fig. 2 (eixo dos X na curva A B), dividida nas suas 8 partes, correspondendo cada uma d'ellas a 2 annos, e a sua totalidade a 16 annos, ou seja o ciclo metereologico, em que o ultimo anno reproduz o primeiro.

As ordenadas que representamos pelos numeros 1—2, numeros que collocamos sobre o eixo dos X, no pé da perpendicular levantada, de cada uma das divisões da recta, sobre a curva, são positivas, e as ordenadas 5—6 negativas.

As divisões intermedias teem por ordenadas 0, correspondendo aos annos em que as estações são normaes.
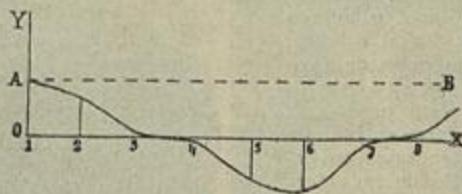
Fig. 2

No ciclo de 16 annos haverá, portanto, em media, 4 estações rigorosas seguidas de 4 estações normaes, estas são depois substituidas por uma serie de quatro estações temperadas, 4 estações normaes, recomeçando, depois, novamente o ciclo, como se deprehende da figura n.° 2.

Esta regra não é, como dissemos, fatal, pois muitas vezes, n'uma época de maximas, pode apresentar-se alguns annos mais benignos, normaes, ou mesmo de media abaixo da normal, no entanto é quasi infalivel.

Sabemos que em Lisboa, n'um verão benigno, a temperatura excede 30°, durante 6 dias, no periodo de 3 mezes; nos annos excessivos, esse numero eleva se a 27, pouco mais ou menos, e nos annos normaes, baixa a 16 dias.

Sendo a probabilidade no anno 1 do ciclo de haver 27 dias, de maximas superiores a 30°, e no anno 8, ou seja metade do ciclo, este numero ser apenas de 6, e na segunda parte do ciclo, este numero ir novamente crescendo de 6 até 27, anno 16.°, que vae já reproduzir o 1.° do novo ciclo, é claro que, do anno 1 ao anno 8, os numeros variam em progressão aritmetica decrescente cuja razão é 3, e o 1.° termo é 27.

Logo, sendo $t = a - r\,(n - 1)$.
e querendo achar o numero de dias de maximas superiores a 30°, para o anno 7 do ciclo, temos:

$$t\,(7) = 27 - 3 \times 6 = 27 - 18 = 9$$

e esse numero será egual a 9.

Para a segunda parte do ciclo, isto é, para os annos 9 a 16 do ciclo, esses numeros variam em progressão aritmetica crescente, cujo primeiro termo será 6, e a razão 3. O anno 16.° será egual a 27, egual ao 1.° anno do novo ciclo.

Querendo, portanto, saber o numero de dias de maximas superiores a 30°, no anno 12.° de um ciclo, ou seja o quarto termo da progressão aritmetica crescente,

$$\text{Sabendo que } t = a + (r\,(3 - 1)$$

será $t\,(12.° \text{ ou } 4.°) = 6 + 3 \times 3 = 6 + 9 = 15.$

O que dissemos para o verão, podemos aplical-o para o inverno, sabendo que, em media, nos invernos benignos, o thermometro desce abaixo de 5°, em Lisboa, durante 6 dias, nos annos normaes 13, e nos annos mais frios, durante 27 dias.

Pretendemos saber se o anno X pertence a um inverno arido ou temperado, ou um verão quente ou benigno; investiguemos as observações dos annos transáctos, a contar de uma maxima ou minima que facilmente se encontra, percorrendo os annaes do observatorio.

Supomos que nos annos *a* a *f*, o numero de dias de maximas superiores a 30° foram respétivamente de 14 — 17 — 26 — 11 — 17 — 20.

$$\text{Media} = \frac{14 + 17 + 26 + 11 + 17 + 20}{6} = 19 \text{ dias.}$$

Estamos, manifestamente, nos periodos do ciclo correspondendo aos annos 1 a 8, em que a maxima foi no anno *e*.

O anno *g*, que se lhe segue, será o anno 5 do ciclo, e portanto, a probabilidade do numero de dias em que o termometro subirá acima de 30°, será

$$t = 27 - 3 \times 4 = 15$$

Para o calculo das chuvas, proceder-se-ha de uma forma analoga, visto que estas obedecem a uma periodicidade semelhante.

Nos annos 1 a 8, do ciclo, estas crescem, em Lisboa, de 450mm, no anno 1, até 870mm, no anno 8, na rasão de 60mm por anno, e nos annos 9 a 16, decrescem de 870mm até 450mm. chuvas medias dos annos 9 e 16.

Logo, anno $7 = a + r\,(n - 1)$

$$= 450 + 60 \times 6 = 450 + 360 = 810^{mm},$$

chuva provavel, d'este anno.

Anno 13: ou termo 5.° da progressão aritmetica decrescente:

Anno $13 = a - r\,(n - 1)$

$$= 870 - 60 \times 4 = 870 - 240 = 630^{mm},$$

chuva provavel d'este anno.

A coincidencia entre os annos chuvosos, e os annos frios ou quentes não se realisa, porém, abstrair-nos-hemos d'esse estudo e tratemos unicamente de precisarmos um calculo de probalidades para um dado anno, com relação aos seus principaes elementos metereologicos. O assunto da não coincidencia acima citáda será objecto de outro artigo, n'esta revista, se houver oportunidade.

Antonio A. O. Machado.

CONCURSO HIPPICO

Com o maior brilho concluiram no dia 23 do corrente as provas do concurso hippico promovido pela Sociedade Promotora de Apuramento de Raças Cavalares *Turf Club*, de que é presidente o sr. conde de Fontalva, e que viu belamente coroados seus esforços no patriotico empenho de promover o apreféiçoamento das raças cavalares do país, podendo verificar-se neste concurso quanto tem progredido.

O programa habilmente organisado teve cabal cumprimento, e a assistencia ás corridas excedeu toda a espectativa, sendo grande o entusiasmo do publico por este genero de *sport*, o que permitiu a este certamen o tomar proporções de uma verdadeira festa.

Assim as tribunas encheram se de espectadores, em que avultavam as senhoras, animando e abrilhantando a festa com sua natural gentilesa e lindas *toiletes* de verão, e grande numero de creanças, que dão sempre a nota mais viva e alegre. O vasto volodromo de Palhavã fartamente iluminado pelo nosso bom sol a dár côr e vida a tudo que lá se via, apresentava aspeto deslumbrante a quantos olhos podiam vêr.

Para maior animação vieram concorrer oficiaes espanhoes, o que despertou tanta curiosidade como interesse, pois é bem conhecida a sua pericia de cavaleiros.

O concurso constou de exposição de solipedes nacionaes; corridas e saltos; apresentação de cavalos; apresentação de equipagens, de cavalos ou eguas com praça no exercito e o percurso de caça: apresentação de carruagens e parelhas.

No dia 16, realisaram-se as primeiras provas do concurso, destinada a primeira corrida a discipulos em que entraram nove concorrentes. Foi classificado em primeiro logar o cavalo *Limerick*, do sr. D. José Galveias; em segundo logar o cavalo *Fox*, raça portuguêsa, montado pelo sr. Antonio Carvalho. Nesta corrida havia a transpor 5 obstaculos, de sebe, cancelas e varas. Ganhou o premio de 50$000 réis destinado aos professores o sr. Brunot, professor da classe de educação fisica da Escola Academica. Na segunda corrida para amazonas entraram as sr.as D. Maria de Vasconcellos Alves, D. Maria da Cunha Menezes, D. Fernanda Amado e D. Maria Amelia de Castro. Esta corrida despertou naturalmente maior entusiasmo, ganhando o primeiro premio a sr.a D. Fernanda Amado e o segundo a sr.a D. Maria Vasconcellos Alves.

Segue-se a apresentação de cavalos e eguas nacionaes e é classificada em primeiro logar a egua *Elsa* do alferes de cavalaria sr. João de Mendonça, cabendo o premio de 50$000 réis ao creador sr. conde de Sobral.

Na prova militar nacional que se segue entram 28 oficiaes do exercito, revelando todos grande aptidão e pericia de cavaleiros, ganhando o primeiro premio o alferes sr. Jara de Carvalho, que fez o percurso sem uma falta no cavalo *Elmo*, de raça portuguêsa; o segundo premio, o alferes sr. Teixeira, que fez tambem o percurso sem uma só falta no cavalo *Canna*, de raça portuguêsa; o terceiro premio, o tenente sr. Ramos no cavalo *Scott*, de raça anglo lusa; o quarto premio, o alferes sr. Gonçalo Tarouca no cavalo *Gavroche*, de raça francêsa; o quinto premio, o alferes sr. Menezes Macedo no cavalo *Morgado*.

O primeiro premio, de Sua Magestade El Rei, foi de 300$000 réis. o segundo, um arreio completo e 150$000 réis; o terceiro, 100$000 réis; o quarto, 60$000 réis, e o quinto 50$000 réis.

Esta prova militar, póde considerar-se o campeonato do mundo, em *dressage*, e foram os oficiaes espanhoes os primeiros a classifical-a, pois não se póde mostrar mais destresa em dominar

Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes

Desfolhando o Milho — *Quadro de H. Pinto*

O Caminheiro — *Alto relevo em marmore, por Fernandes de Sá*

Margens do Alviela, Pernes — *Quadro de Antonio Saude*

as montadas em todas as circumstancias e casos imprevistos.

Neste dia inaugurou-se a exposição de solipedes, em que avultam belos exemplares expostos pela Casa Real, em numero de 62, num pavilhão expressamente armado.

Apresentaram-se tambem exemplares pertencentes ao exercito e da Caudelaria Nacional, de raça espanhola, espano-arabe, luso-arabe, anglo-arabe, etc.

O dia 18, segundo de provas, principiou pela apresentação de cavalos, sendo dado o primeiro premio de 50$000 rs. á egua *Black Bess*, raça irlandesa, montada pelo tenente sr. Silveira Ramos, que foi alvo de grande manifestação entusiastica dos espectadores.

Seguiu-se a prova de ensaio, em que os cavalos tinham de transpôr 8 obstaculos: sebes barras, madeiros, cancéla, lanço de estrada, muro, barricas e vála. Para esta prova havia 6 premios: o primeiro 90$000 réis, o segundo 40$000 réis, o terceiro 20$000 réis e 3 laços.

Os oficiaes espanhoes, que chegaram neste dia, já assistiram a estas provas, que despertaram o maior entusiasmo do publico, havendo algumas apostas nas tribunas reservadas.

Ganhou o primeiro premio o alferes sr. Oliveira, em cavalo de raça portuguêsa; o segundo premio, o alferes sr. Henriques Constancio, em cavalo de raça argentina; o terceiro premio, o tenente sr. André Reis, em cavalo de raça irlandesa; o quarto premio, o alferes sr. Casal Ribeiro, em egua de raça portuguêsa; o quinto premio, o alferes sr. João de Mendonça, em cavalo de raça portuguêsa; o sexto premio, o sr. José Mousinho, em cavalo de raça portuguêsa.

Entra se depois na prova do grande premio de Lisboa, em que estavam inscritos 55 concorrentes da classe civil, militar e oficiaes espanhoes.

Esta prova foi das mais brilhantes para todos os concorrentes, distinguindo-se sobremaneira o tenente espanhol D. Gustavo Spencer e o tenente português sr. Silveira Ramos, que obraram prodigios de destrêsa e audacia, vencendo o espanhol por diferença de 2 segundos.

Os premios couberam: primeiro ao tenente de cavalaria espanhola sr. D. Gustavo Spencer; segundo ao tenente sr. Silveira Ramos; terceiro ao tenente de cavalaria espanhola sr. D. Celedonio Febrel; quarto ao alferes sr. Elias Garcia; quinto ao sr. D. Gustavo Spencer; sexto ao alferes sr. João Mendonça; setimo ao sr. conde de S. Lourenço e oitavo ao alferes sr. Casal Ribeiro.

Botando contas — *Quadro de H. Pinto*

Arnaldo Fonseca — *Carvão de Carlos Reis*

No dia 20, terceiro do concurso, principiou pela apresentação de equipagens de cavalos e de eguas. Neste concurso coube o premio de réis 15$000 de equipagem a um cavalo, ao sr. Xavier de Almeida, na sua *charrette* tirada por um cavalo normando que pertenceu ao sr. conde de Fontalva. O premio de equipagem a tandem, coube ao sr. Eduardo Fontes. O premio de equipagens de parelha foi conferido ao sr. dr. Carvalho Monteiro. Foram conferidos dois diplomas á Casa Real, pela apresentação de dois *landaus*, sendo um tirado a parelha de alteres reaes e outro anglo-normandos, magnificos exemplares.

Nas equipagens a quatro, coube o premio ao *break* do sr. Joaquim Sotto Mayor e a menção honrosa á Casa Real, que apresentou uma equipagem á *Daumont*, tirada por quatro vistosos anglo-normandos.

Na segunda parte do concurso coube o pre-

Concurso Hippico

Chegada de S. M. El-Rei D. Manuel com Suas Altezas, Princêsa Luisa de Orleans, Infante D. Affonso e comitiva, ao Velodromo de Pavalhã — Os oficiaes espanhoes que vieram tomar parte nas corridas — Tenente sr. Silveira Ramos, no cavalo *Scott*, 1.º premio de salto de altura de 1m,80 — Alferes sr. Jara Carvalho no cavalo *Elmo*, 1.º premio de prova militar nacional — Tenente sr. André Reis, 1.º premio de apresentação de cavalo — Tenente sr. Latino, no cavalo *Brutus*, 1.º premio do concurso nacional — Sr.as D. Amelia de Castro, no salto de cancelas — Alferes sr. Elias Garcia, 1.º premio de percurso de caça — Corrida de saltos — Oficial de cavalaria espanhola, sr. D. Gustavo Spencer, premio de Lisboa.

Equipagem a tandem do sr. Eduardo Fontes

receu-lhes o *Turf Club* no dia 20, um jantar na sua sala nobre, e ao qual presidiu o sr. Manuel de Castro Guimarães.

O jantar foi de 55 talheres e a elle assistiram, além da direcção e varios socios do Club, os oficiaes espanhoes e portuguêses que tomaram parte nas corridas, o sr. conde de S. Luis, ministro de Espanha em Lisboa, ministros da guerra e dos estrangeiros, general Honorato de Mendonça, coronel Aparici, barão Dovalello, marquês de Gouveia, conde de Torrepalma, etc.

Neste jantar levantaram se entusiasticos brindes ao rei de Portugal e familia real portuguêsa, aos reis de Espanha, ao exercito e marinha das duas nações, etc. Foi uma festa tão agradavel quanto significativa da amisade entre as duas nações peninsulares, e para que nada faltasse ao regosijo desta reunião, terminou por um esplendido baile, *cotillon* animadissimo em que tomaram parte S. A. o Infante D. Affonso, que chegou depois do jantar as sr.as condessa de S. Luis, condessa das Galveias e outras damas da aristocracia.

Como complemento do grande concurso hipico, os oficiaes espanhoes ofereceram aos seus camaradas portuguêses, um banquete no *Avenida Palace*, que se realisou em 21 do corrente, e que foi uma festa animadissima e da maior cordialidade.

O banquete foi de 30 talheres e a elle presidiu o sr. conde de S. Luis, ministro de Espanha nesta côrte, assistindo, além dos oficiaes espanhoes e portuguêses que tomaram parte no certamen hipico, a direcção do *Turf Club*.

Os brindes foram iniciados pelo sr. conde de S. Luis, que num belo improviso, frisou a sincera

mio de 50$000 réis ao cavalo *Prize*, irlandez, do tenente sr. André Reis.

Na terceira parte, percurso de caça — a classificação foi a seguinte: primeiro, sr. Elias Garcia, no *Eclair*, em 2' e 3''; segundo, sr. Jara de Carvalho, no *Elmo*, em 2', 4'' e 2/5; terceiro, D. Gustavo Spencer, no *Byron*, em 2' e 16''; quarto, D. Arthur Llark, no *Cabrero*, em 2' e 29''; quinto, sr. J. Piçarra, no *Clematite*, em 2', 30'' e 1/5; sexto, D. Celedonio Febrel, no *Windsor*, em 2', 37'' e 1/5; setimo, sr. José Alverca, no *Adamastor*, em 2' e 40''.

No dia 23 e ultimo do concurso, realisaram-se, segundo o programa, as provas de maior importancia, como foram a nacional e campeonato de altura. Principiou se, porém, pela apresentação de carros.

O premio de 30$000 réis para carruagens de cocheira, coube á Empresa Salazar. Premio de 30$000 réis para trens de praça, coube ao sr. Bernardino Pinto & Filhos.

O premio de 60$000 réis para cavalo de tiro só, coube ao *Conquistador*, do sr. D. Pedro de Mello (Santar); houve menção honrosa para o *Sondan*, do sr. Xavier de A'meida.

O premio de 80$000 réis destinado a parelha, coube á do sr. Arthur Vaz; e o de 25$000 réis para emparelhamento, ao sr. Anastacio Fernandes.

Seguiu-se a prova nacional, assim denominada por só entrarem cavalos nacionaes, com um premio de 200$000 réis para o creador.

Equipagem a quatro, do sr. Sotto Mayor

Ganhou o primeiro premio de 200$000 réis o sr. tenente Latino, no cavalo *Brutus*, e o segundo de 100$000 réis o sr. tenente Silveira Ramos, no cavalo *Scott*. Os seis premios restantes de 50$000 e 25$000 réis foram conferidos pela seguinte ordem: tenente sr. Calheiros, no *Saloio;* tenente sr. Macedo, no *Morgado;* alferes sr. Julio de Oliveira, no *Viroscas* e no *Aramis;* alferes sr. Delfim Maia, no *Quo Vadis;* alferes sr. Casal Ribeiro, na egua *Jardineira*.

Foi de grande brilho esta prova pelos numerosos concorrentes que disputavam os premios com decidida emulação.

Este notavel concurso hipico fechou com o campeonato de altura em que os concorrentes tomaram o maior calor. Neste campeonato ganha o primeiro premio o tenente sr. Silveira Ramos que realisa admiravelmente o salto á altura de 1m,80 no cavallo *Scott*. O segundo e terceiro premios são ganhos pelo alferes sr. Jara de Carvalho, que salta respétivamente á altura de 1m,70, no *Jau* e no *Elmo*.

Os banquetes

Correspondendo á gentileza dos oficiaes espanhoes que vieram tomar parte no concurso, ofe-

amisade que une os dois povos da peninsula, terminando por brindar aos promotores do concurso, a El-Rei e á familia real.

Seguiram-se depois outros brindes pelos srs. general Gouveia, coronel Assumpção, coronel Aparici, Castro Guimarães e conde de Figueiró, correspondendo ao primeiro brinde á familia real espanhola, ao exercito espanhol, á rainha sr.a D. Amelia, etc., no meio de grande entusiasmo, tocando um sexteto os hinos português e espanhol, e executando o mesmo sexteto regido pelo sr. Luiz Monteiro, durante o banquete, um repertorio de musicas portuguêsase espanholas: *Verbena de la Paloma*, de Breton; *Fados*, de Leal; *Los Borrachos*, de Giminez; *Parafrase sobre uma canção portuguesa*, de Neuparth; *Chateau Margaux*, de Caballero; *Um fado*, de Rey Colaço; *Lo Madre del Cordero*, de Geminez; *Uma festa na aldeia*, de Moraes.

Congratulamo-nos com a ilustre direcção do *Turf Club*, pela arrojada e patriotica iniciativa do belo concurso hippico que organisou, agradecendo ao mesmo tempo os bilhetes com que esta redação foi brindada, para assistir a tão brilhante festa.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1094)

IV

Vamos a bordo, mas voltamos brevemente a terra

Antes de terem passado vinte minutos, já nos encontravamos a bordo do *Cruzeiro do Sul*, e pouco depois, Peter Bligh e Mr. Jacob conferenciavam comigo no meu camarote.

— Amigos — lhes disse, pois não era momento proprio para escolher palavras — este barco tem de sahir já a toda a força, para S. Francisco; e, quereis saber porquê? Porque é a maneira mais facil para pudermos ir a ilha de Ken!

Estas palavras deixaram um pouco confusos os meus assistentes, mas a maneira como as tinha pronunciado, não levantava duvidas no seu espirito.

Todos os que estavam a bordo do *Cruzeiro do Sul*, ouviram o tiro disparado em terra, e todos sabiam já que Dolly Venn e o seu capitão, tinham fugido, para escapar á morte.

— Sim — continuei — o caminho mais curto para a ilha do Ken; porque... que faz um homem quando quer entrar em casa e lhe dão com a porta na cara? Procura outra entrada, e, ou entra pela janella ou salta o muro do jardim quando já o não esperam! Pois é o que vou fazer esta noite, amigos, por sympathia á senhora que todos vós conhecesteis a bordo do *Manhattan* e que hoje está ali, na ilha.

Mr. Jacob e Peter Bligh approximaram um pouco mais as cadeiras, e puzeram-se a escutar com toda a attenção.

— Para mim, as coisas estão claras como a luz do dia. Ruth Bellenden casou com um estrangeiro que é pouco mais que um demente. Basta ter ouvido o que hoje me disse, nos unicos momentos que estivemos sós, e que foi: «Por Deus, volte breve, Jasper Begg!» Que hei de fazer depois d'isto? Volto, e que Deus me ajude, porque esta mesma noite hei de saber tudo o que se passa na ilha.

— E traga a patrôa, capitão, traga-a para bordo, porque assim falaremos mais á vontade.

— Fará isso, Mr. Begg? — perguntou Jacob.

— A noite nos dirá o que temos a fazer — respondi. — Diga-me, Mr. Jacob, já viu coisa semilhante? Um homem casar-se com a mulher mais bonita do mundo e trazel-a para uma ilha isolada como esta, e maltratal-a, talvez, quem sabe!... Se há olhos de mulher que digam tudo o que teem soffrido, são os de miss Ruth!. . Amigos! alguma coisa extraordinaria se passa na ilha. Misse Ruth não me poude falar á vontade por estar a seu lado o homem amarello, mas com certeza que ha grandes novidades.

— Breve o saberemos, quando a tivermos aqui.

— E a que horas vamos a terra — perguntou Peter Bligh.

— Quando picarem as oito badaladas do primeiro quarto, Peter. A Mr. Jacob confio o commando do barco e a vida dos que vão a terra. Se pudermos trazer a senhora para bordo esta noite, muito bem; teremos realisado a melhor obra da nossa vida; de contrario, devemos aguardar até ámanhã á noi-

te, ou até á noite seguinte, ou talvez ainda até á outra. Se d'aqui a oito dias não tiver noticias nossas, já Mr. Jacob fica sabendo o que tem a fazer: larga a todo o vapor para S. Francisco e manda um telegramma a Kenrich Bellenden, dizendo-lhe claramente que sua irmã Ruth necessita da sua presença na ilha de Ken.

— E de caminho pedirei que me acompanhe um navio de guerra americano — observou Jácob.

— Pode ser que tenha razão, Mr. Jacob, e se o diabo estiver habitando por aqui, talvez façam falta os canhões de um navio de guerra para o enxotar de cá para fóra. Mas, sois um homem prudente e sabereis fazer o que fôr preciso. Confio plenamente no vosso criterio, porque sei tambem que sois um fiel companheiro.

Mr. Jacob, atulhou as ventas de rapé e limpou as mãos ás abas da casaca, pois gostava de trajar como os officiaes da armada, e respondeu a seguir:

— E como bom companheiro, cumprirei a minha obrigação, ficai certo.

— Bem sei, bem sei, Mr. Jacob. O trabalho em terra será um pouco difficil e terei que levar gente comigo. Basta que vá Peter Bligh, Dolly e o carpinteiro Seth Barker. São poucos, mas se nós quatro não fizermos alguma coisa, muito menos o fariamos com quarenta. Esta empresa, é para ser resolvida mais com a cabeça, do que com o braço ou com o revólver. Claro está, que não penso em ir só com caramellos na algibeira, não; e o primeiro que me apontar uma carabina, fal-o-hei arrepender e desejar que melhor fôra dedicar-se a caçar coelhos, do que atacar homens indefesos.

— Está claro! — exclamou Peter que gostava sempre de pimponisses — primeiro os tiros e depois as cortesias, assim é que deve ser. Quando metteram meu pae na prisão, só por dar com um presunto n'um guarda d'alfandega...

— Peter, Peter — ataquei eu logo — julgas que vamos combater com presuntos ali para a ilha? A empresa é tão simples que uma criança a poderia resolver, mas póde succeder que seja preciso toda a nossa coragem e esforços para a levar a cabo. Emfim! Dentro em poucas horas saberemos o que temos a fazer. Entretanto talvez seja melhor calarmonos, porque não vamos a terra para divertimento.

Não se trocou mais palavra.

Fui abrir então a caixa onde estava o armamento e tirei as espingardas e revólveres sufficientes para nos armarmos. Chamei Dolly e prometti-lhe que iria tambem comnosco.

Ao resto da tripulação, apenas dei a entender que ia a terra, para resolver um assumpto da mais grave importancia. Emquanto Peter e os outros foram comer, dirigi-me para a ponte a render a guarda.

A maré era forte bastante áquella hora e o vento soprava do NE.

Perdiamos já a ilha de vista, quando cruzamos com um vapor que vinha de Santa Cruz e se dirigia ao Mar Amarello. Chegando á fala, disse-nos não haver novidade a bordo e da nossa parte respondemos-lhe que tudo ia de perfeita saude.

Caminhámos a um quarto de machina, mas depois endereitámos novamente o rumo do *Cruzeiro do Sul* para a ilha de Ken.

Eu tinha toda a confiança na tripulação, e estou seguro que seriam capazes de se revoltarem, se acaso eu pensasse em abandonar a ilha, porque Dolly, que já tinha dado com a lingua nos dentes, tinha-lhes contado que a senhora corria grande perigo e que era cobardia abandonal-a.

A empresa era arriscada, é verdade; mas quem não seria capaz de expôr a vida para salvar uma mulher, e demais a mais, aquella, que tantas vezes tinha navegado comnosco?

Não havia a bordo um unico homem, que se negasse a desembarcar voluntariamente, para salvar Ruth Bellenden, embora tivesse a certeza de que a ilha lhe serviria de sepultura.

Era quasi meia noite, e uma noite demasiado clara para os meus intentos, visto que a lua illuminava todo aquelle immenso lençol d'agua, como se fosse dia claro, e foi devido talvez a isto, que devisamos novamente a ilha de Ken pela segunda vez, tornando-me a assaltar o desejo de ir a terra.

Forneceu-se a lancha com dois barris de agua e bolacha sufficiente para o tempo que calculavamos estar ausentes, e depois de termos acondicionado as armas e munições, preparamo-nos para partir.

Levavamos tambem revólveres, mas esses iam nos cintos e cada um de nós se muniu d'uma excellente navalha, que decerto não era destinada só para cortar queijo e pão.

Prevenimo-nos depois com mais algumas rações de carne sêcca, para o que desse e viesse, visto não sabermos ao certo o tempo que duraria a expedição.

— Os bons principios fazem os bons fins — disse eu — e o que sobejar, poderemos trazer novamente para bordo. A lancha não dará parte de fraca.

Depois de tudo estar em ordem, Mr. Jacob chamou-me a attenção para uma coisa que até ali, com a pressa de partir, não tinha feito caso. Era que a fogueira da noite anterior não estava apagada, mas todo o mar em volta parecia um mar de tinta negra.

Quem accendera a fogueira na vespera não o fizera portanto com espirito de humanidade para nos avisar do perigo, mas sim por qualquer outro motivo.

Comprehendi logo o mysterio e disse a Jacob:

— Os que accenderam essa fogueira ou são idiotas ou bandidos.

— Ou talvez ambas as coisas, capitão — respondeu elle.

Peter Bligh abriu a bôca para dizer qualquer coisa, mas não o conseguiu.

As palavras foram-lhe cortadas pela apparição de um foguete que fendeu os ares e estalejou lá em cima n'uma nuvem de centelhas douradas e azuladas, lançando por momentos uma luz livida sobre os rochedos da ilha e sobre o turbulento mar que a rodeava.

Ao mesmo tempo o nosso gigantesco carpinteiro Sth Barker, que estava á prôa, gritou:

— Barco á costa! Barco á costa, por...

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

A Patria portugueza. — *Educação civica — Educação social.* — Por D. Francisco de Mello e Noronha, Lisboa, Imprensa Lucas, 1909. Um folheto de 64 paginas, 8.º grande, impresso em bom papel. O titulo deste folheto é bastante para definir o fim com que é dado á estampa e ainda mais dedicando se á educação civica social. Dividido em onze capitulos, abrangem: *Portugal na historia; Espirito de religião; Amor civico; A Lingua; Historia; No quartel; O problema da mulher; Do trabalho; Imperio da lei; Direito e dever; Educação social; Educação civica.*

O assunto é vasto, porém o autor, o nosso querido amigo e assiduo colaborador do OCCIDENTE, sr. D. Francisco de Noronha, não enfada o leitor, respigando com grande erudição, em conceituados autores estrangeiros, excerptos consisos sobre a materia dos diferentes capitulos, procurando com desvanecido amor patrio o que de maior justiça é para Portugal, e ao mesmo tempo de melhor ensinamento.

Em tão breve espaço, qual o das 64 paginas deste folheto, não se poderá reunir maior soma de conhecimentos de utilidade educativa.

Camões. — *Contribuição canoniana* por D. Francisco de Mello e Noronha. — Lisboa, Livraria Maia editora, 1909. Folheto de 34 paginas, de 8.º *Sem sahir do meu gabinete*, subtitulou o autor este seu trabalho, em que dá noticia da vida do epico português, citando varios autores que delle se ocupam, juntando assim a guns dados menos conhecidos e de que faz a critica. E' um trabalho interessante pelo qual felecitamos o nosso bom amigo e confrade D. Francisco de Noronha.

Notas sobre os Sonetos e as tendencias geraes da Philosophia de Anthero do Quental, por Antonio Sergio. — Lisboa — Livraria Ferreira, Editora.

Volume de 189 paginas de texto, é pena que o autor não diluisse com absoluta nitidez de estilo critico a sua prosa por vezes no vago.

1908 — Subsidios criticos para a Historia da Dictadura em Portugal, por João Chagas.

O texto deste volume abrange 431 paginas, tendo sido editor João Chagas mesmo, que mantém aquella forma clara e empolgante de linguagem á qual deve a justa consagração de que gosa na republica das letras.

A Roleta. — *Portugal secundo Monte-Carlo — Notas de um convicto* — Paris — 1909 — Monnier, Jeanbin & C.ie

O autor, verdadeiro ou suposto Farniente Filho, desenvolve o seu assunto em 310 paginas tendentes a provar que não é de azar o jogo da roleta; o que, entretanto, e salvo o devido respeito não chega a estabelecer com luz matematica.

Será em nome e pelo interesse da humanidade que surgem de alguns cerebros publicações desta natureza?

Joga-se clandestinamente é certo, mas tambem se fazem outras coisas por egual processo e nem por isso deixam de provocar justas medidas tanto quanto possiveis impeditivas.

Larra *(Figaro)*, por Julio Nombela y Campos (Obra Póstuma) — Casa editorial, Velázquez — Madrid.

Neste volume da colecção de obras de autores célebres dadas á estampa pela iniciativa louvavel da conhecida casa editora, da nação visinha, encontra-se um estudo completo ácêrca de D. Mariano Larra, que na madrugada de 14 de fevereiro de 1837 poz termo á existencia na capital da Espanha com um tiro de pistóla.

Ilustram o texto de 290 paginas, os retratos de Larra e de sua esposa bem como outros de parentes do notavel satirico e ainda uma gravura representando a casa onde se suicidou.

Trepadeiras, por João de Saldanha Oliveira e Sousa — 1908 — Tipografia Castro Irmão — Lisboa.

E' este o primeiro livro de versos do autor, que não mostra negativismo poetico na estreia em que apresenta 51 composições em volume de 115 paginas. Entre os sonetos que figuram no livro existe um — *A minha terra* — já em tempo publicado no OCCIDENTE e, portanto, conhecido dos leitores.

Historia Militar Universal, por J. Corrêa dos Santos, major de infantaria. — Tip. a vapor da *Enciclopedia Portuguesa* — Porto — 1908.

Temos diante de nós a caderneta n.º 1, do 1.º volume, que contém 160 paginas de texto, alcançando até os persas da antiguidade.

Virá a obra em questão espalhar aos jorros as verdades positivas no grande quadro das idades em relação a materia de tão vasta categoria?

Não o podemos dizer só pela simples leitura do que temos presente; comtudo parece-nos que o autor poderia restringir-se mais e talvez com interesse maior de especialidade.

Concurso Hippico

O JANTAR NO «TURF CLUB», OFERECIDO AOS OFICIAES ESPANHOES — *(Cliché A. Lima)*